

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ISABELA ROSA DE MACIEL RODRIGUES

FEMINISMO E FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Uberlândia
2025/02

ISABELA ROSA DE MACIEL RODRIGUES

FEMINISMO E FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel/licenciado em Filosofia.

Orientador/a: Prof. José Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia

2025/02

ISABELA ROSA DE MACIEL RODRIGUES

FEMINISMO E FENOMENOLOGIA EM EDITH STEIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel/licenciado em Filosofia.

Orientador/a: Prof. José Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia, 02 de março de 2026

Comissão Avaliadora.

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior. (UFU) - Presidente

Profa Dra. Janiana Jácome dos Santos (UNIESSA) –
Arguidor/a

Prof. Ms. Rones Aureliano de Souza (ESEBA/UFU)

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, caminharam comigo ao longo desta jornada, incentivando-me a compreender melhor o mundo e a nós mesmos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação do curso e à Universidade Federal de Uberlândia, pela estrutura e apoio oferecidos ao longo da graduação. Aos colegas, pela troca de experiências e aprendizado compartilhado. Aos professores, pela dedicação e ensinamentos, e, especialmente, ao orientador, pela orientação atenta, paciência e contribuições fundamentais para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta a vida e a obra de Edith Stein, com destaque para o feminismo e a fenomenologia em seu pensamento. A pesquisa mostra a importância de estudar sua obra nos dias atuais, especialmente na relação entre Filosofia, religião e ciência. O estudo foi realizado por meio de leituras de livros, pesquisas em materiais acadêmicos e consultas a fontes confiáveis, contribuindo para o crescimento intelectual e para a compreensão da relevância da Filosofia na sociedade.

Palavras-chave:

Edith Stein; feminismo; fenomenologia.

RESUMEN

Este trabajo presenta la vida y la obra de Edith Stein, destacando el feminismo y la fenomenología en su pensamiento. La investigación muestra la importancia de estudiar su obra en la actualidad, especialmente en la relación entre Filosofía, religión y ciencia. El estudio se realizó mediante la lectura de libros y la consulta de materiales académicos, contribuyendo al crecimiento intelectual y a la comprensión de la relevancia de la Filosofía en la sociedad.

Palabras-clave:

Edith Stein; feminismo; fenomenología

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPITULO 1	17
CAPITULO 2	22
CAPITULO 3	26
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

(Texto apresentado no início da defesa)

Agradeço à coordenação, à Universidade Federal de Uberlândia, aos colegas, aos professores e ao orientador.

Tendo em vista o contato com o orientador professor José Benedito desde o início da graduação, estudando e tendo contato com o autor Carl Gustav Jung que me instigou a investigar o tema Filosofia da religião e, ao decorrer do curso, contato com a Filosofia antiga da religião, e, no meio do curso, com o mesmo professor, estudando Rudolf Otto e Mircea Eliade, o assunto floriu em minha vida, trouxe sentido aos meus estudos profissionais e pessoais, além de já ser uma pessoa religiosa, percebo a Psicologia e seu desenvolvimento intrínseca nas entrelinhas e nesse estudo, abrindo minha mente a estudar este tema cada vez mais.

Este trabalho tem por objetivo apresentar a vida e a obra de Edith Stein, mais especificamente, o feminismo e a fenomenologia em seu pensamento. A importância de estudarmos Edith Stein atualmente é a relevância do Feminismo como pauta política na atualidade e a sua importância intrínseca de abordar este tema no século XXI numa época em que este tema é tão falado e aderido pelas mulheres por conquistas de direitos e espaço na sociedade, além de instigar questões feministas para a época de Edith Stein no estudo da política da autora que reverbera na política do feminismo na atualidade. Instiga também temas afins da pauta feminista e temas próximos da contemporaneidade.

O estudo da Fenomenologia colabora para a análise e investigação das ciências da religião enquanto estudo do campo religioso e da alma na área da Psicologia e Religião, sobretudo no catolicismo e judaísmo.

Este tema possui relevância para a discente por razão de ser um tema que agrega no estudo filosófico e estudar religião atrelada à Filosofia da ciência, por crença da discente, instiga a vontade pelo estudo da Filosofia e demais ciências.

A relevância acadêmica da pesquisa é atrair os colegas alunos a também estudar temas similares.

A relevância social da pesquisa é a melhoria da vivência em sociedade, do convívio social através do aprimoramento tecnológico-científico da colaboração do estudo da Filosofia e seu resultado na sociedade.

A aventura da pesquisa se baseou em estudos na biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, livros on line, o site oficial de Edith Stein e etc.

A parte das descobertas, as análises e as aventuras e desventuras em descrever levaram à reflexões, insights, riqueza intelectual subjetiva e pessoal, absorção de conhecimentos, além da atração para estudar sempre e mais.

Primeiras noções de Filosofia da Religião : Carl Gustav Jung - O homem e seus símbolos

Sobre a OBRA :

"Esta é uma das principais obras da Psicanálise. Um dos livros de maior influência no progresso de Psicologia analítica, nos seus revolucionários métodos atuais. Carl Gustav Jung explica ao leitor leigo aquilo que constitui a sua maior contribuição ao conhecimento da mente humana : a sua teoria a respeito da importância do simbolismo. Spbretudo, o simbolismo dos sonhos." (EDITORA NOVA FRONTEIRA, p. 02)

"Em "O homem e seus Símbolos" Jung acentua que o homem só se realiza através do conhecimento e aceitação do seu inconsciente - conhecimento que ele adquire por intermédio dos sonhos e seus símbolos. Cada sonho é uma mensagem direta, pessoal e significativa enviada ao sonhador. Uma comunicação que utiliza símbolos comuns a toda humanidade, mas sempre de maneira individual. E que só alcança interpretação através de um "código" inteiramente particular. Também propõe o conceito de "inconsciente coletivo."(EDITORA NOVA FRONTEIRA, p. 02)

"O significado que está na psiquê das experiências comuns da nossa vida cotidiana em nossas próprias palavras : [O homem contemporâneo] não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência, continua possuído por 'forças' além do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm apenas novos nomes. E conservam-no em contato íntimo com a inquietude, apreensões vagas, complicações vagas, complicações psicológicas, uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses."(EDITORA NOVA FRONTEIRA, p. 03)

JUNG, Carl Gustav. Editora Nova fronteira, 5a edição. 1964. Rio de Janeiro - RJ.

O sagrado e o profano - Mircea Eliade

"As ciências das religiões, como disciplina autônoma, tendo por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira da religião, é uma ciência muito recente (data do século XIX), e sua fundação quase coincidiu com a da ciência da linguagem. Max Muller impôs a expressão "ciências das religiões" ou "ciência comparada das religiões" ao utilizá-la no prefácio do primeiro volume de sua obra *Chips from a German Workshop* (Londres, 1867). É certo que o termo fora empregado esporadicamente antes (em 1852, pelo padre Prosper Leblan; em 1858 por F. Stie fehagen etc.), mas não no sentido rigoroso que Max Muller lhe deu e que, desde então, passou a ser amplamente

adotado."(CLOUD, p. 05)

"Mas se a ciência das religiões, como disciplina autônoma, só teve início no século XIX, o interesse pela história das religiões remonta a um passado muito mais distante. Podemos localizar sua primeira manifestação na Grécia clássica, sobretudo a partir do século V. Esse interesse manifesta-se por um lado, nas descrições dos cultos estrangeiros e nas comparações com os fatos religiosos nacionais - intercalados nos relatos de viagens - e, por outro lado, na crítica filosófica da religião, tradicional. Heródoto (c. 484 c. 425 a.C.), já apresentava descrições admiravelmente exatas de algumas religiões exóticas e bárbaras [Egito, Pérsia, Trácia, Cítia etc.), e chegou até mesmo a propor hipóteses acerca de suas origens e relações com os cultos e as mitologias da Grécia. Os pensadores pré-socráticos, interrogando-se sobre a natureza dos deuses e o valor dos mitos, fundaram a crítica racionalista da religião. Assim, por exemplo, para Parmênides (nascido por volta de 520) e Empédocles (c. 495-435) os deuses eram a personificação das forças da Natureza. Demócrito (c.460-70), por sua vez, parece ter se interessado singularmente pelas religiões estrangeiras que, aliás, conhecia de fonte direta em virtude de suas numerosas viagens : atribui-se a ele, também, um livro Sobre as inscrições sagradas da Babilônia, as Narrativas caldéias e Narrativas frigias. Platão (429-347) utilizava frequentemente comparações com as religiões dos bárbaros. Quanto a Aristóteles (384-222), foi o primeiro a formular, de maneira sistemática, a teoria da degenerescência religiosa da humanidade (Metafísica, XII, capítulo 7), ideia que foi retomada várias vezes posteriormente. Teofrasto (372-287) que sucedeu a Aristóteles na direção do Liceu pode ser considerado o primeiro historiador grego das religiões : segundo Diógenes Laércio (V. 48), Teofrasto compôs uma história das religiões em seis livros."(CLOUD, p. 06)

"Mas foi a partir das conquistas de Alexandre, o Grande (356-323), que os escritores gregos tiveram oportunidade de conhecer diretamente e descrever as tradições religiosas dos povos orientais. Sob Alexandre, Bérose, sacerdote de Bel, publica sua Bábýloniká. Megasténe, várias vezes enviado por Seleukos Nikator, entre os anos e 302 e 297, em embaixada ao rei indiano Chandragunta, publica Indiká. Hecateu de Abdera ou de Mos (365-270/275) escreve sobre os hiperbóreos e consagra à teologia dos egípcios os seus

Aigyptiaká. O sacerdote egípcio Manéton (século 111) aborda o mesmo assunto em obra publicada sob o mesmo título. Foi assim que o mundo alexandrino passou a conhecer um grande número de mitos, ritos e costumes religiosos exóticos."(CLOUD, p. 06)

Quando o sagrado se manifesta

"O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o tema hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar : exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões - desde as mais primitivas às mais elaboradas - é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas."(CLOUD, p. 13)

"O homem religioso mantém-se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado. O mundo profano na sua totalidade, é uma descoberta recente na história do espírito humano. A dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas."(CLOUD, p. 14)

"O NUMINOSO singulariza-se como qualquer coisa de GANZ ANDERE, radical e totalmente diferente : não se assemelha a nada de humano ou de cósmico; em relação ao GANZ ANDERE, o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de "não ser mais do que uma criatura", ou seja - segundo os termos com que Abraão se dirigiu ao Senhor - de não ser senão cinza e pó."(Gênesis, 18:27)(CLOUD, p. 12)

"O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". A definição inicial que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe

ao profano."(CLOUD, p. 12)

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo, 1992. Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

RUDOLF OTTO - O sagrado

O racional e o irracional na ideia de Deus

"Para cada ideia teísta de Deus, mas muito singularmente para a cristã, é essencial que a divindade seja concebida e considerada com precisão rigorosa através de predicados como espírito, razão, vontade, vontade inteligente, boa vontade, onipotência, unidade de substância, sabedoria e outros semelhantes. Ou seja, predicados que correspondem aos elementos pessoais e racionais que o ser humano possui em si mesmo, embora de forma mais limitada e restrita." (OTTO, p. 02)

"Ao mesmo tempo, todos esses predicados são, na ideia do divino, pensados como "absolutos", ou seja, como perfeitos e supremos. Esses predicados são, no entanto, conceitos claros e distintos, acessíveis ao pensamento, análise e até definição. Se chamamos de "racional" o objeto que pode ser pensado dessa forma, devemos designar como essencial a essência da divindade descrita nesses predicados e, como religião racional, aquela religião que os reconhece e os afirma. Somente por eles a fé é possível como convicção em conceitos claros, ao contrário do mero "sentimento.""(OTTO, p. 02)

"Não é verdade, pelo menos em relação ao cristianismo, o que disse Goethe : "Sentimento é tudo. Palavra é som e fumaça. Neste caso, "palavra" é tomada como conceito."(OTTO, p.03)

"Precisamente, uma das marcas da altura e superioridade de uma religião é, em nossa opinião, possuir "conceitos" e conhecimento - ou seja, conhecimento de fé - do supracensível em conceitos como os citados. É um sinal muito essencial - embora não único ou principal - da superioridade do cristianismo sobre outras formas e graus de religião é que ele tem conceitos de clareza eminente, transparência e plenitude."(OTTO,

p. 03)

II - O numen e o numinoso

"O "sagrado" é, em primeiro lugar, uma categoria de interpretação e avaliação que ocorre apenas no campo religioso, que se intromete em outros - como, por exemplo, na ética - mas que não procede de nenhum deles."(OTTO, p. 07)

"Ele é complexo e entre seus diversos componentes contém um elemento específico e singular que se subtrai da razão, no sentido indicado acima e que é um *ÄRREKOM*, um inefável, ou seja, o completamente inacessível à compreensão através de conceitos, como em diferentes terrenos acontece com o "belo".(OTTO, p. 07)

"Esta afirmação estaria errada desde o início se o sagrado fosse apenas o que é designado como tal em muitos usos da língua, como na filosofia e normalmente também na teologia. Na verdade, nos acostumamos a usar a palavra "sagrado" em um sentido bastante figurativo e, de modo algum, em seu sentido original, pois geralmente o entendemos como um predicado moral absoluto e que significa o absolutamente bom."(OTTO, p. 07)

"Assim, Kant chama de "sagrada" a vontade que, sem hesitação, no impulso do dever, obedece à lei moral. Na verdade, ela deve ser simplesmente chamada de "vontade moral perfeita."(OTTO, p. 08)

"A palavra NUMINOSO é formada a partir do prefixo OMEN, OMINOSUS (sinal, presságio, anúncio), mas também a partir de NUMEN, NUMINOSUS (vontade divina, poder divino, majestade divina, manifestação divina)."(OTTO, p. 09)

"O NUMINOSO provém de uma disposição ou temperamento numinoso da alma, que sobrevive sempre ao que é aplicado. Mas, como ele é inteiramente original, não pode ser definido em sentido estrito, como ocorre com qualquer elemento original e básico."(OTTO, p. 10)

CAPITULO 1.

Sobre a obra Edith Stein: vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos

Este capítulo tem como objetivo apresentar a vida e a obra de Edith Stein, principal referência desta pesquisa. Trata-se de um estudo de caráter biográfico, elaborado com base exclusivamente na obra *Vida de uma Família Judia e Outros Escritos Autobiográficos*, da própria autora.

O propósito é situar o leitor no contexto histórico, familiar, religioso e intelectual em que Edith Stein viveu, oferecendo um detalhamento de sua trajetória pessoal e acadêmica. Ao conhecer sua formação e suas experiências de vida, torna-se possível compreender melhor os fundamentos de seu pensamento filosófico.

Assim, este capítulo apresenta os principais acontecimentos de sua vida e os elementos centrais de sua obra autobiográfica, com a finalidade de introduzir ao leitor a referência principal desta pesquisa e preparar o caminho para as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes.

1.1 Contextualização da autora e da obra

Na apresentação da edição brasileira da obra, afirma-se que Edith Stein integra o conjunto das personalidades mais marcantes do século XX. Sua trajetória reúne dimensões filosóficas, religiosas e históricas que despertam interesse até os dias atuais.

De modo geral, ela é lembrada como a intelectual judia que se converteu ao cristianismo, tornou-se monja carmelita e foi morta no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, sendo posteriormente canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz. No entanto, sua relevância vai além desses acontecimentos. Formada em Fenomenologia e discípula de Edmund Husserl, destacou-se por sua clareza intelectual, ampla formação cultural e atuação como professora e conferencista.

Ao escrever sobre sua família, Stein não pretendia apenas produzir uma

autobiografia. Em um período marcado pelo crescimento do antissemitismo e pela ascensão do nazismo na Alemanha, sua intenção foi demonstrar que os judeus viviam integrados à sociedade, compartilhando valores, dificuldades e projetos como qualquer outro grupo social. Seu relato buscava combater os estereótipos difundidos contra o povo judeu, apresentando um testemunho pessoal e direto.

Mesmo após sua conversão ao catolicismo, em 1922, o judaísmo permaneceu parte essencial de sua identidade. Ela manteve respeito por suas origens e por sua família. Diante das perseguições da década de 1930, posicionou-se em defesa de seu povo, inclusive por meio de uma carta enviada ao Papa Pio XI, denunciando a situação vivida pelos judeus na Alemanha.

1.2 A narrativa familiar e a formação de Edith Stein

A obra apresenta o relato de sua história familiar e de sua própria formação. Mais do que uma simples autobiografia, o livro constitui um testemunho histórico e cultural. Ao narrar a trajetória de sua família judaica, Stein mostra como a vida doméstica, a religião e o trabalho estruturavam o cotidiano.

Grande parte do texto é dedicada à descrição de seus avós e de sua mãe, figuras centrais em sua formação. Seus avós maternos, Salomon Courant e Adelheid Burchard, são apresentados como pessoas religiosas, trabalhadoras e respeitadas pela comunidade. A vida familiar era marcada pelo esforço constante, pela prática da fé judaica e pelo compromisso com a educação dos filhos.

A mãe de Edith Stein exerceu influência decisiva em sua formação. Mulher forte e determinada, assumiu responsabilidades desde cedo e trabalhou intensamente para sustentar a família após a morte do marido. Sua postura unia disciplina, fé e dedicação aos filhos. Stein via nela um exemplo de força feminina, o que mais tarde influenciaria suas reflexões sobre a mulher e seu papel na sociedade.

A educação religiosa ocupava lugar importante na vida familiar. As crianças aprendiam hebraico, estudavam a Lei e participavam das orações, especialmente nas celebrações do Shabat. Mesmo com mudanças ao longo do tempo, o respeito às tradições religiosas permaneceu central.

As memórias de infância incluem as férias em Lublinitz, cidade natal da família materna, e a vida em Breslávia. Esses momentos revelam o forte sentimento de pertencimento familiar e comunitário. A convivência com parentes, as dificuldades econômicas e as experiências de perda contribuíram para moldar seu caráter e sua visão de mundo.

O livro também registra doenças, dificuldades financeiras e mortes de familiares, narradas com sobriedade e honestidade. Stein não idealiza sua história, mas apresenta tanto as alegrias quanto os sofrimentos, revelando maturidade e sinceridade em seu relato.

Além disso, a obra evidencia a participação ativa das mulheres na organização da família e na administração dos negócios. Muitas assumiram responsabilidades importantes, demonstrando autonomia e capacidade de liderança. Essas vivências influenciaram diretamente o pensamento posterior de Stein sobre a condição feminina.

Dessa forma, *Vida de uma Família Judia e Outros Escritos Autobiográficos* não é apenas um relato pessoal, mas um documento histórico que permite compreender a formação cultural, religiosa e intelectual de Edith Stein. A obra ajuda a entender como suas raízes judaicas, sua experiência familiar e seu contexto social influenciaram sua trajetória filosófica e espiritual.

1.3 Cronologia da vida de Edith Stein

A seguir, apresenta-se uma síntese cronológica com os principais acontecimentos da vida de Edith Stein, a fim de situar historicamente sua trajetória pessoal, intelectual e religiosa.

1891–1912: Infância e juventude

- **1891** – Nasce em 12 de outubro, em Breslávia, na então Prússia (atual Polônia), em uma família judia.
- **1893** – Falecimento de seu pai. Sua mãe assume o comércio da família, exercendo forte influência na formação do caráter de Edith.
- **1897** – Inicia seus estudos no Liceu Vitória.
- **1906** – Durante a adolescência, abandona temporariamente a fé judaica e

afasta-se da religião.

- **1908** – Retorna aos estudos com o objetivo de ingressar na universidade.
- **1911** – Conclui o ensino médio e recebe o título de bacharel. Interessa-se pelos estudos da natureza humana, aproximando-se inicialmente da Psicologia.
- **1912** – Inicia seus estudos universitários, enfrentando questionamentos intelectuais profundos.

Formação acadêmica e conversão (1912–1928)

- Doutora-se em Filosofia e torna-se assistente de Edmund Husserl, destacando-se na Fenomenologia.
- **1922 (1º de janeiro)** – É batizada na Igreja Católica, adotando o nome Teresa.
- **1922 (2 de fevereiro)** – Recebe o sacramento da Crisma.
- **1925** – Conhece o jesuíta Erich Przywara, que a incentiva a aprofundar seus estudos filosóficos. Traduz obras de John Henry Newman para o alemão.
- **1926–1932** – Realiza diversas conferências na Alemanha, Áustria e Suíça, especialmente sobre a formação humana e a vocação da mulher.
- **1928** – Aproxima-se da espiritualidade beneditina na Abadia de Beuron e inicia a tradução de obras de Tomás de Aquino.

Produção intelectual e ingresso no Carmelo (1931–1936)

- **1931** – Redige a obra *Potência e Ato*, buscando conciliar escolástica e filosofia moderna.
- **1933 (14 de outubro)** – Ingressa no Carmelo de Colônia, assumindo posteriormente o nome religioso Teresa Benedita da Cruz.
- **1934** – Inicia o noviciado.
- **1935** – Realiza a profissão temporária.
- **1936** – Faz a profissão solene. Conclui a obra *Ser finito e eterno*. Sua mãe falece no mesmo ano.

Perseguição e martírio (1939–1942)

- **1939** – É transferida para o Carmelo de Echt, na Holanda, devido à perseguição nazista.

- **1940** – A Holanda é ocupada pelas tropas de Adolf Hitler.
- **1942 (2 de agosto)** – É presa pela SS juntamente com sua irmã Rosa.
- **1942 (9 de agosto)** – É assassinada na câmara de gás em Auschwitz-Birkenau.

Reconhecimento póstumo

- **1947–1950** – Publicações começam a reconhecer oficialmente sua morte.
- **1998 (11 de outubro)** – É canonizada por João Paulo II.

A partir da apresentação biográfica de Edith Stein, foi possível compreender os principais acontecimentos que marcaram sua vida pessoal, acadêmica e religiosa. Sua trajetória revela uma pensadora profundamente comprometida com a busca da verdade, com a investigação filosófica e com a vivência coerente de suas convicções.

O percurso que vai da formação intelectual na Fenomenologia à experiência religiosa no Carmelo demonstra que sua produção filosófica não pode ser separada de sua história de vida. As experiências familiares, a formação acadêmica, o contexto histórico e sua conversão religiosa constituem elementos fundamentais para entender o desenvolvimento de seu pensamento.

Dessa forma, após situar o leitor quanto à vida e à obra da autora, o próximo capítulo dedicará atenção aos principais conceitos estudados e desenvolvidos por Edith Stein, especialmente aqueles relacionados à fenomenologia, à compreensão da pessoa humana e à reflexão sobre a mulher. A análise conceitual permitirá aprofundar os fundamentos teóricos que sustentam sua contribuição para a Filosofia.

CAPITULO 2.

Estudos acadêmicos sobre Edith Stein

Este capítulo tem como objetivo apresentar autores que desenvolveram pesquisas acadêmicas sobre o pensamento de Edith Stein, especialmente por meio de dissertações de mestrado dedicadas à análise de sua filosofia. A intenção é expor as contribuições desses pesquisadores e evidenciar a relevância de seus estudos para o aprofundamento desta investigação.

Serão analisados os trabalhos de Mariana Bar Kusano (2009) e de Patrícia Cristiane de Santana Santos (2023), que abordam temas centrais do pensamento steiniano, como a antropologia filosófica e a empatia. Essas pesquisas oferecem suporte teórico e interpretativo para a compreensão dos conceitos desenvolvidos por Edith Stein, ampliando o diálogo acadêmico em torno de sua obra. Dessa forma, este capítulo apresenta uma síntese das principais ideias defendidas por esses autores, destacando sua importância para a fundamentação e consolidação da presente pesquisa.

2.1 A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia por Bar Kusano (2009)

O trabalho de mestrado intitulado *A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia*, de Mariana Bar Kusano, apresenta uma análise da base antropológica do pensamento steiniano, destacando a relação entre filosofia, pedagogia e experiência religiosa.

Segundo Kusano, a trajetória intelectual de Edith Stein não pode ser separada de sua vivência histórica, especialmente no contexto do nazismo, nem de sua experiência mística e religiosa. A autora da dissertação sustenta que a reflexão filosófica de Stein se desenvolve a partir de uma compreensão profunda da pessoa humana, entendida em sua dimensão psicofísica e espiritual.

A antropologia aparece como o eixo central do pensamento steiniano. Para Kusano, o estudo da pessoa humana é o fio condutor das obras de Stein. Trata-se de compreender o ser humano em sua relação com o mundo, com os outros e com Deus. Essa perspectiva ultrapassa uma simples análise psicológica e propõe uma visão

integral do homem.

No campo pedagógico, Kusano afirma que Stein não defende uma formação baseada apenas na acumulação de conhecimentos, mas uma educação voltada para a formação plena da pessoa. A pedagogia, nesse sentido, fundamenta-se em uma concepção filosófica da natureza humana e possui uma finalidade formativa, não apenas instrutiva.

A base metodológica desse pensamento está na Fenomenologia de Edmund Husserl. Segundo a interpretação apresentada na dissertação, a fenomenologia ofereceu a Stein instrumentos para investigar a essência da pessoa humana. A busca pelas estruturas fundamentais do ser permitiu que ela desenvolvesse uma antropologia que parte da experiência concreta, mas não se limita a ela.

Kusano destaca que Stein procurou dialogar com diferentes tradições filosóficas. Além da influência husserliana, há aproximações com Tomás de Aquino e também com elementos da filosofia moderna, especialmente de Immanuel Kant. Essa articulação demonstra o esforço da filósofa em integrar razão natural e reflexão teológica.

Um dos pontos centrais destacados na dissertação é a noção de objetividade do conhecimento. Para Stein, inspirada nas *Investigações Lógicas* de Husserl, a verdade não é criada pelo sujeito, mas descoberta por ele. Tal posição se opõe às correntes relativistas e psicologistas presentes na filosofia moderna.

Outro conceito fundamental analisado por Kusano é o de intuição. Na perspectiva fenomenológica, a intuição não é mera impressão subjetiva, mas apreensão da essência das coisas. A filosofia, portanto, não se reduz nem à dedução matemática nem à indução empírica, mas opera por meio de uma compreensão intuitiva das estruturas essenciais da realidade.

A dissertação também aborda a crítica ao empirismo de David Hume e o diálogo com a filosofia transcendental de Kant. Nesse contexto, a discussão gira em torno dos limites do conhecimento humano e da distinção entre fenômeno e coisa-em-si. Stein, segundo Kusano, reconhece a importância dessas reflexões, mas busca superá-las ao integrar a dimensão metafísica e teológica.

Um conceito relevante no pensamento steiniano é o de empatia. Conforme

explicado por Kusano, a empatia constitui a experiência que torna possível a compreensão do outro enquanto sujeito. Trata-se de uma vivência que fundamenta os laços intersubjetivos e ultrapassa uma explicação meramente psicológica, pois inclui a dimensão espiritual da pessoa.

Por fim, a dissertação aponta que a conversão de Edith Stein ao catolicismo não representou ruptura com sua filosofia, mas aprofundamento de sua busca pela verdade. A aproximação com o tomismo e com a tradição mística cristã ampliou sua compreensão da pessoa humana, mantendo a coerência com sua formação fenomenológica.

Assim, o estudo de Mariana Bar Kusano evidencia que a antropologia steiniana se constrói no diálogo entre razão e fé, fenomenologia e metafísica, filosofia e teologia, constituindo uma reflexão integrada sobre o ser humano.

2.2 A força da empatia em Edith Stein: uma maneira de viver e sentir por Santos (2023)

A dissertação intitulada *A força da empatia em Edith Stein: uma maneira de viver e sentir*, de Patrícia Cristiane de Santana Santos, destaca que a busca pela verdade foi uma constante na vida e na obra de Edith Stein. Segundo a autora, é por meio da análise fenomenológica que Stein desenvolve sua investigação sobre o problema da empatia, especialmente na obra *Sobre o problema da empatia*.

De acordo com Santos, a empatia constitui uma vivência fundamental para a compreensão do outro enquanto sujeito. Quando percebemos a expressão de dor ou alegria em alguém, inicialmente nos colocamos diante dessa manifestação como diante de um objeto. No entanto, ao buscar compreender o sentido dessa experiência — isto é, ao tentar captar o estado interior do outro — ocorre um movimento mais profundo: não vivemos a experiência do outro em sua totalidade, pois ela é pessoal e intransferível, mas participamos do objeto dessa experiência.

Assim, a empatia não significa assumir a vivência do outro como se fosse própria, mas reconhecer e compreender aquilo que ele vive. Trata-se de uma experiência que permite acessar o sentido do que o outro sente, preservando sua individualidade.

Santos ressalta que o estudo da empatia está diretamente ligado à análise dos sujeitos e de suas vivências. O encontro entre o “eu” e o “outro” não dissolve as diferenças individuais, mas evidencia a singularidade de cada pessoa dentro da comunidade. Ainda que indivíduos compartilhem acontecimentos semelhantes, a maneira como cada um percebe e interpreta tais eventos é única.

Nesse sentido, a empatia torna possível a formação de vínculos intersubjetivos. Quando o sujeito se inclina ao outro com compaixão ou cuidado, surge uma mobilização interior que o leva à ação. Essa atitude não implica fusão de identidades, mas reconhecimento da dignidade e da realidade do outro.

A autora também aborda a distinção feita por Stein entre vivências originárias e não originárias. As vivências originárias são aquelas experimentadas diretamente pelo sujeito, presentes à sua consciência em primeira pessoa. Já as vivências empáticas não são originárias no mesmo sentido, pois se referem à experiência de outro sujeito, ainda que possam ser compreendidas por meio da empatia.

Outro aspecto importante destacado na dissertação é a relação entre empatia e intersubjetividade. A convivência humana exige o reconhecimento das singularidades e limites de cada pessoa. Ao reconhecer o outro como sujeito dotado de valor próprio, constrói-se uma base ética para a vida em sociedade.

Santos também relaciona empatia e ética, aproximando o pensamento steiniano da chamada ética da alteridade. O encontro entre “eu” e “outro” implica responsabilidade, cuidado e abertura à transcendência. Para Stein, o ser humano, enquanto ser espiritual, é chamado a ultrapassar atitudes egoístas e reconhecer no outro uma dimensão que merece respeito e consideração. Dessa forma, a dissertação evidencia que a empatia, no pensamento de Edith Stein, não é apenas um conceito psicológico, mas uma experiência fundamental para a constituição da vida comunitária, da ética e da compreensão da pessoa humana.

A partir da análise das dissertações de Mariana Bar Kusano e Patrícia Cristiane de Santana Santos, foi possível perceber a riqueza e a atualidade do pensamento de Edith Stein. Ambas as pesquisadoras evidenciam que a filosofia steiniana não se limita a uma reflexão abstrata, mas se apresenta como uma proposta concreta de

compreensão da pessoa humana.

Enquanto Kusano destaca a dimensão antropológica e a articulação entre fenomenologia, filosofia e teologia, Santos aprofunda o conceito de empatia como fundamento das relações intersubjetivas e da ética. Em comum, os dois trabalhos revelam que o centro do pensamento de Edith Stein está na investigação da pessoa humana, compreendida em sua dimensão corporal, psíquica, espiritual e relacional. Dessa forma, as contribuições desses estudos fortalecem esta pesquisa, oferecendo bases teóricas sólidas para a compreensão dos conceitos desenvolvidos por Stein.

CAPITULO 3.

A Fenomenologia de Edith Stein

A compreensão da fenomenologia em Edith Stein exige, inicialmente, a retomada de suas origens no pensamento de Edmund Husserl, fundador da escola fenomenológica no início do século XX. Conforme expõe Edith Stein em seu texto *O que é fenomenologia?* (1924), traduzido por Ursula Anne Matthias e publicado na Revista *Argumentos* (2018), a fenomenologia surge como uma proposta de renovação da filosofia, com o intuito de restituir-lhe o rigor científico e a objetividade do conhecimento.

Husserl, inicialmente formado em matemática, voltou-se à filosofia sob a influência de Franz Brentano. Sua preocupação central consistia em superar o relativismo presente em diversas correntes da modernidade, especialmente o psicologismo, o naturalismo e o historicismo. Em sua obra *Investigações Lógicas* (1900-1901), defendeu que a verdade não é produzida pelo sujeito, mas descoberta por ele, possuindo validade objetiva e universal (STEIN, 1924/2018). Tal afirmação representou um retorno às grandes tradições filosóficas que sustentavam a possibilidade de um conhecimento verdadeiro.

Segundo Stein (1924/2018), o termo “fenomenologia” pode gerar equívocos, pois

não se trata do estudo de meras aparências, mas da investigação das essências. O método fenomenológico propõe o retorno “às coisas mesmas”, isto é, àquilo que se manifesta à consciência de forma imediata. A filosofia, nessa perspectiva, não opera exclusivamente por dedução lógica, como a matemática, nem por indução empírica, como as ciências naturais. Seu procedimento próprio é a intuição das essências.

Essa intuição não deve ser compreendida como experiência mística ou sobrenatural. Trata-se de um modo natural de conhecimento pelo qual o sujeito apreende diretamente as estruturas essenciais dos fenômenos. Assim como a percepção sensível permite o acesso aos objetos do mundo material, a intuição fenomenológica possibilita o conhecimento das verdades ideais. Dessa forma, a fenomenologia afirma a evidência como critério fundamental da verdade.

No diálogo com a tradição filosófica moderna, a fenomenologia também se distingue do kantismo. Embora reconheça a importância da investigação das condições do conhecimento, não limita o acesso humano ao fenômeno enquanto mera aparência. Diferentemente da distinção kantiana entre fenômeno e coisa-em-si, a fenomenologia sustenta que é possível alcançar as essências por meio da análise rigorosa da experiência. Assim, reafirma-se a possibilidade de um conhecimento objetivo que não se reduz às estruturas formais do sujeito.

Outro ponto relevante refere-se ao idealismo desenvolvido por Husserl em sua fase posterior, especialmente na obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura*. A afirmação de que o mundo depende da consciência levou muitos intérpretes a aproximá-lo do idealismo transcendental. No entanto, conforme observa Stein (1924/2018), tal posição não constitui condição necessária do método fenomenológico. Para ela, é possível realizar uma investigação fenomenológica mantendo uma orientação realista, preservando a autonomia ontológica do mundo.

A redução fenomenológica, elemento central do método husserliano, consiste na suspensão provisória dos juízos acerca da existência do mundo externo, a fim de analisar como os fenômenos se manifestam à consciência. Não se trata de negar a realidade, mas de compreender a estrutura da experiência vivida. Esse procedimento permite descrever os atos da consciência com precisão, distinguindo suas diferentes modalidades.

É nesse horizonte metodológico que se insere a contribuição de Edith Stein. Discípula direta de Husserl, Stein aplica o método fenomenológico à investigação da pessoa humana. Partindo da análise das vivências, identifica três dimensões constitutivas do ser humano: o corpo, a psique e o espírito. O corpo é compreendido como corpo vivo; a psique refere-se às reações afetivas e emocionais; e o espírito diz respeito à capacidade de reflexão, decisão e autodeterminação.

A dimensão espiritual é o que distingue o ser humano dos demais seres naturais, pois possibilita autoconsciência, liberdade e responsabilidade. A unidade entre corpo, psique e espírito manifesta-se na alma, entendida como centro pessoal. No interior dessa estrutura encontra-se o núcleo individual, responsável pela singularidade de cada pessoa. A fenomenologia permite a Stein descrever essa estrutura de modo rigoroso, partindo da experiência concreta.

Aplicando essa análise à pedagogia, Stein sustenta que a formação da pessoa deve considerar sua totalidade. A educação não pode restringir-se à transmissão de conteúdos, mas deve promover o desenvolvimento harmonioso das dimensões corporal, psíquica e espiritual. Para isso, é necessária uma antropologia filosófica capaz de compreender o ser humano em sua inteireza.

A fenomenologia, conforme apresentada por Edith Stein, configura-se como um método rigoroso de investigação da realidade, voltado à apreensão das essências e à afirmação da objetividade do conhecimento. Ao retomar a centralidade da verdade e da evidência, a fenomenologia representa uma superação das tendências relativistas da modernidade e inaugura uma nova etapa no pensamento filosófico.

No percurso intelectual de Stein, o método fenomenológico não permanece restrito à teoria do conhecimento, mas torna-se fundamento de sua antropologia e de sua reflexão pedagógica. Por meio da análise das vivências, a filósofa descreve a estrutura da pessoa humana em sua unidade complexa de corpo, psique e espírito, oferecendo uma compreensão integral do ser humano.

Dessa maneira, a fenomenologia constitui o alicerce teórico que sustenta toda a construção filosófica de Edith Stein, servindo como base para o aprofundamento dos conceitos que serão examinados no próximo tópico.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar e analisar os principais fundamentos do pensamento filosófico de Edith Stein, com especial atenção à sua antropologia e ao método fenomenológico que sustenta sua investigação acerca da pessoa humana. Partindo de uma abordagem biográfica, buscou-se inicialmente compreender o percurso intelectual e espiritual da autora, evidenciando como sua trajetória de vida influenciou diretamente a construção de sua reflexão filosófica.

A análise da fenomenologia, especialmente a partir da influência de Edmund Husserl, permitiu compreender o rigor metodológico adotado por Stein. O retorno às “coisas mesmas” e a investigação das essências constituem o eixo central de sua proposta filosófica. A fenomenologia, para Stein, não se limita a uma teoria do conhecimento, mas torna-se instrumento para a compreensão integral do ser humano.

No desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a antropologia steiniana apresenta o ser humano como unidade de corpo, psique e espírito, destacando a dimensão espiritual como elemento distintivo da pessoa. Tal estrutura permite compreender a singularidade de cada indivíduo, bem como sua inserção na comunidade. O conceito de empatia, analisado a partir das contribuições acadêmicas estudadas, revelou-se fundamental para a compreensão das relações intersubjetivas e para a fundamentação de uma ética baseada no reconhecimento do outro.

Observou-se ainda que a proposta pedagógica de Edith Stein está profundamente enraizada em sua antropologia filosófica. A formação da pessoa não pode ser reduzida à transmissão de conteúdos, mas deve considerar o desenvolvimento integral do indivíduo, respeitando sua interioridade e seu núcleo pessoal. Nesse sentido, sua reflexão permanece atual, sobretudo diante dos desafios contemporâneos relacionados à educação e à dignidade humana.

As pesquisas acadêmicas analisadas demonstraram a relevância e a atualidade do pensamento steiniano no cenário filosófico contemporâneo, evidenciando que sua obra continua sendo objeto de investigação e aprofundamento. A integração entre fenomenologia, antropologia e pedagogia configura-se como uma das contribuições mais

significativas de sua filosofia.

Conclui-se, portanto, que Edith Stein oferece uma compreensão profunda e articulada da pessoa humana, fundamentada em rigor metodológico e abertura à dimensão espiritual. Seu pensamento apresenta-se como uma proposta filosófica consistente, capaz de dialogar com diferentes áreas do saber e de oferecer subsídios para a reflexão sobre o sentido da formação humana.

REFERÊNCIAS

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2136> Acesso em: 12/09/2025

SANTOS, Patrícia Cristiane de Santana. **A força da empatia em Edith Stein: uma maneira de viver e sentir**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia. Mestrado em Filosofia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ousjal.org/handle/20.500.12032/126056?show=full&locale-attribute=es> Acesso em: 12/09/2025

SBERGA, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. **A formação da pessoa em Edith Stein, princípios educativos e aproximação com o Sistema Preventivo de Dom Bosco**. *Edith Stein Brasil*, 01 fev. 2024. Disponível em: <https://edithstein.com.br/pedagogia/formacao-da-pessoa-edith-stein-aproximacao-com-sistema-preventivo-dom-bosco/>. Acesso em: 12/09/2025

STEIN, Edith. **O que é fenomenologia?** Tradução de Ursula Anne Matthias. *Argumentos: Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 10, n. 20, p. 217-219, jul./dez. 2018. Texto original publicado em 1924. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/39802> Acesso em: 12/09/2025